

Journal do Domingo

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis a entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros, 1\$250 rs.; trimestre ou 13 numeros, 600 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 25 DE JUNHO DE 1882 — N.º 18 —

GERENTE-PROPRITARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros, 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros, 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—A fundação de Marselha. Soldado Husar. O photographo hespanhol. Uma ponte india sobre o Amazonas.

TEXTO:—Actualidades por Gervasio Lobato. As nossas gravuras. Horas d'ocio. O sonho do Infante, por P. C. Roscier por P. Leal. Um passado tenebroso.

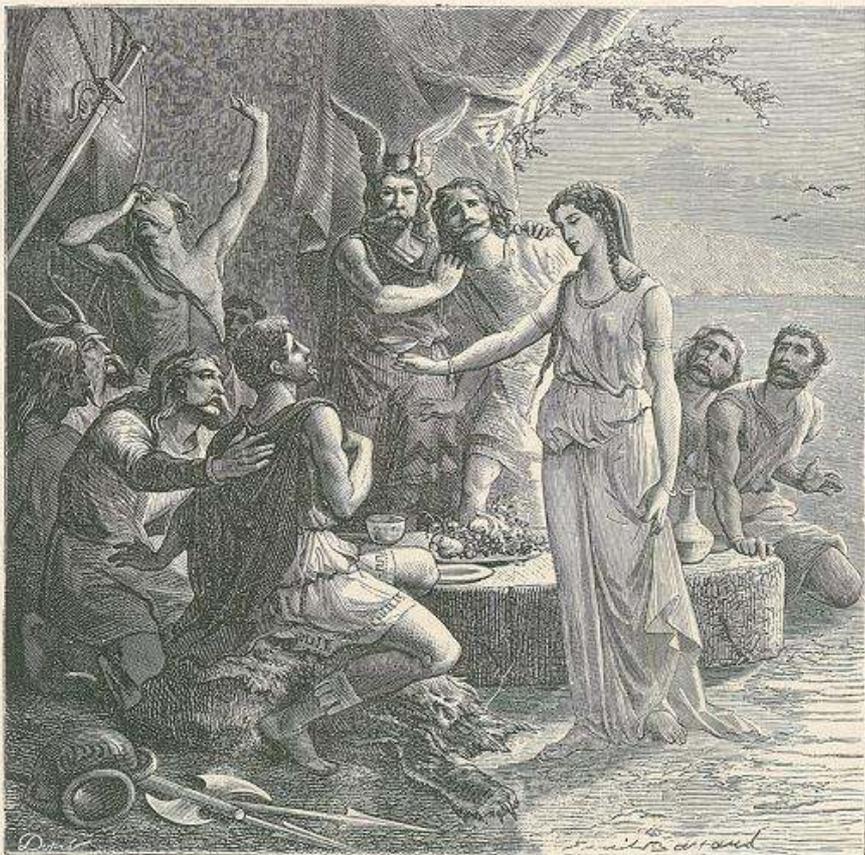
ACTUALIDADES

Nó dia 22 rompi hercicamente com os meus habitos dorminhocos, despedi severo o doce somno da manhã, vesti-me com uma rapidez tão desusada, que o meu espelho olhava-me espantado, com a pallidez amarellada e as olheiras fundas das madrugadas, morto de curiosidade de me perguntar — Olá!

com todo o escrupulo litterario, entre os almoços dos bons romances antigos, sahi de casa, deixando a minha visinhança aturdida, estupefacta, e ainda na torre de S. Julião não tinham tangido as badaladas das onze horas, já eu nas arcadas da Boa Hora entregava a um cavalheiro cego d'um olho, embrulhado n'um capinó preto, o meu bilhete de visita para ser levado ao sr. juiz do 1.º districto criminal.

Defronte de mim estava o drama, o drama com todas as suas phases terriveis, desde a faca que assassinou a victima, até ao policia que assassina a prosodia.

Ora eu tenho uma predilecção especial pela Boa Hora, apesar de tudo que por ahí se tem dito a res-



A FUNDAÇÃO DE MARSELHA

que demonio de novidade temos hoje? «abandonei o pão nosso de cada dia do meu almoço, ou antes o beef nosso de cada dia com batatas, por uma ampla chavena de leite tão tranquillo como o Tejo nas tardes de verão, mas muito mais branco do que elle, faça-se essa justiça ás gordas vaccas do meu honrado leiteiro, e por duas grossas fatias de pão de ló da travessa de S. Nicolau, d'esse pão de ló, que ainda mais dia menos dia hade dar comigo em regenerador, e depois d'este almoço breve, escolhido

D'ali a momentos encaninhado pelo mesmo cavalheiro, que tño hem representa metade da austerra Deusa a que aquelle templo é consagrado, acotovellava uma multidão pouco acuada e sentava, n'uma das cadeiras que, raro acontecimento, o sr. juiz tivera a amabilidade de reservar para a imprensa entre a sua alta tribuna, e a mesa um pouquinho meenos alta do ministerio publico.

Sentei-me, puz o chapéo sobre o estrado da accusação, que m'o deixou todo branco de poeira, colhei.

peito d'ella, e espero, que hoje mesmo, terei ainda o prazer de levantar muitas das accusações que lhes fazem A Boa Hora para mim não é um tribunal de justiça—é um genero de litteratura, um genero que desaparece completamente do livro e do theatro portuguez, e que tem ali o seu unico refugio.

D'antes eu não ia á Boa Hora; era assignante do gabinete de leitura do sr. Arsejas: mas o drama pungente, terrivel, real, já me não era menistrado a tres tostões por mez. Fartava-me de trazer para

casa volumes e volumes, tinha já o braço cançado, e o drama ou se complicava d'uma maneira imbecilmente phantastica, idiotamente maravilhosa, em crimes medonhos, assombrosos e cretinos, ou se diluía sobre os sophás de Crebillon, n'uma atmosphera de cantharidas que faz empobrecer os boti-carios e enobrecer as Celestinas.

Procurei-o no theatro: ahi elle apparecia de vez em quando, mas quando deitava a cabeça de fóra, o publico batia furioso os pés, gritava cá da plateia, e cá do folhetim que aquillo era romantico, que aquillo era convencional, que aquillo era inverosimil. E o drama fugiu aterrado, e nunca mais ninguem o viu annunciado nos cartazes.

Passou então a annunciá-lo a parte da policia.

E nós nunca mais o largamos d'olho, porque sympathisamos com esse pobre diabo do drama, achamol'o interessante, ás vezes um pouco mal creado, caprichoso, brutal, não cumprindo as regras do sr. Saint Marc de Girardin, dando o seu desgostinho á logica do crime, mas que diabo, não se pôde ser perfeito, não se nasce ensinado, e o mundo não foi feito pelos folhetinistas criticos, do que nós só temos que nos congratular com a raça humana.

O drama que no dia 22 se julgou na Boa Hora, é realmente um drama idiota, eu desafio qualquer dos meus mais desastrados confrades a fazel-o peor, e tanto que estou certissimo que se o julgador em vez de ser o sr. dr. Celestino Emygdio fosse qualquer tritico theatral, o auctor da tragedia do Bem Formoso não seria condemnado apenas em trabalhos publicos por toda a vida, sel-o-hia infallivelmente por alguns annos mais.

E era bem feito para exemplo dos assassinos futuros.

É uma coisa que me desgosta profundamente, a inhabilidade, a falta de *savoir faire*, a completa ausencia de senso artistico, dos numerosos cavalheiros que entre nós se dedicam á honrosa carreira de assassinos.

O que é um assassino?

Escuso de estar a procurar uma definição, porque a acho já feita e prompta n'uma peça do sr. Edmond About, que por signal foi mais assobiada no theatro francez de que o tem sido a lenda da *mere Angot* por todo esse mundo de Christo.

O assassino, diz o napolitano Birbone, é o contrario da parteira. A parteira dá a mão á creatura para entrar no mundo, o assassino dá-lhe a mão para sair d'elle.

Perfeitamente: mas ha parteiras e parteiras, e do mesmo modo que ha um curso d'obstercia nas escolas medicas, sem o qual ninguem pôde dar a mão a uma creatura para entrar no mundo, entendo que devia haver um curso de assassinato, no conservatorio dramatico, por exemplo, sem o qual não fosse permitido a pessoa alguma offerecer a mão a alguem para saltar da ponte-vida, para o oceano-eternidade.

Nada d'isto se faz, porém: toda a gente pode ser assassino em tendo uma faca de cosinha e umas carotidas ali á mão, e por isso essa gloriosa classe esta tão desacreditada hoje.

Orá vejamos o caso que me fez abandonar o meu beef co.n batatas.

Um rapaz de 19 annos — uma idade em que é imperdoavel não ter imaginação — com uma bella cara branca, sympathica, de feições correctas e formosas, que lhe permittia ter um papel brilhante em qualquer drama d'amor, com uma vocação preciosa e extraordinaria para a arte de matar gente, mette-se de noite debaixo da cama de ferro d'um quarto acanhado, pobre, cheio de lixo, e a certas horas arasta-se por esse chão, com grave incommodo da poeira que já ali dormia a somno solto, sem ha mezes avistar a sua inimiga terrivel: — a vassoura, pega n'uma faca de cortar toucinho, mata um mercieiro que resonava, abre uma caixa, tira d'ella uns pobres trinta mil réis em dinheiro, duas carteiros sem um real, uma cadeira d'aço, abre a porta da loja para a escada, faz fosquinhas ao guarda nocturno, lava-se no tanque da Mouraria, deixa-se cair ao pé do chafariz do Intendente por baixo do policia numero não sei quantos, um policia que chama a uma faca de cosinha um instrumento *contudente*, um policia que nem sequer sabe a sua grammatica. Digam-me francamente se tudo isto não é deploravel!

Ninguem melhor do que elle com aquellas boas disposições tão eloquentemente manifestadas, para esta coisa de matar gente, podia prestar um grande serviço á litteratura que se definhava, e offerecer-lhe um bello drama terrivel, sanguinolento, emaranhado e real; ninguem melhor do que elle, tão resolvido, como estava a sentar-se no banco dos réos — o unico banco estofado que ha na Boa Hora, uma ratoeira traiçoeira armada pelos escrivães ao publico das audiencias! — ninguem melhor do que elle, repito podia com um bocadinho de boa vontade com um nadinha de invenção, metter-se n'um enredo d'amor e dar a Lisboa um extraordinario drama de ciumes e de vingança. E em vez de com um pequenissimo esforço da sua phantasia de gallego, nos dar um specimen do drama realista real, vae-se metter n'uma alcova estreita cheia de lixo, n'uma das viellas escuras da Mouraria, e põe-se a matar estupidamente, ingloriamente um pobre homem insignificante, que resonava bestial o seu pesado somno de tendeiro!

Com a breca srs. assassinos! Eu apesar de ter lido toda a minha vida com dramas e romances e apesar de ter mesmo perpetrado alguns, se um dia me sentir com vocação para cultivar a sua nobre arte havia de fazer muito melhor as coisas!

Mas por enquanto não sinto essa vocação; dou-lhe a minha palavra de honra sr. Antunes, juro-lhe sobre os Santos Evangelhos sr. Castello Branco, e nunca a sentirei mesmo, porque acho essa arte muito enxovalhada, a começar pelo sangue do assassinado que suja logo as mãos e a acabar pelos bancos da Boa Hora que sujam mais tarde as calças.

Achei-me, portanto, roubado na minha madrugada, no dia 22 na Boa Hora, como me achava roubado nos tres tostões do gabinete de leitura, e isto vae-me enchendo de desgosto, e de desconsideração pelos srs. assassinos.

E ainda ha quem declame, para ahi, indignado contra as teias d'aranha, as hecas desbotadas e as paredes immundas do tribunal da Boa Hora! Então que mais queriam? O tribunal está perfeitamente em relação com os criminosos. Queriam para um miseravel sem importancia, que mata gente mais bestialmente do que se matam porcos, para um creado de servir que rouba nas compras, ou para dois fadistas que se soccam á porta da taberna, um tribunal grave

austero, imponente, com a magestade da justiça, e o asseio d'um cysne? Isso seria um contrasenso como mandar fazer uma moldura d'oiro para uma illustração colorida de caixa de phosphoros ou encadernar em chagrin *O romance da minha vida* do sr. Paschoal Ribeiro.

Nada: isto como está está bem.

O templo da justiça afina excellentemente — quem dera aos côros de S. Carlos afinar sempre assim — com os seus *habitués*.

— Nós somos europeus, mas em justiça somos chinezes, dizia-nos alguém ao sair do tribunal?

— Chinezes, como?

— Sim, porque este tribunal não é um templo.

— Não é um templo?

— Não, é um Pagode.

Foi o *coup de grâce*, e pallido, aterrado, esfomeado, entrei no Baltresquí a desforrar o beef tão inutilmente perdido.

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

Fundação de Marselha

Depois de concluir a Historia da França antiga, até 1879, Henri Martin com o seu juizo recto e fina critica, escreveu os fastos da França antiga e moderna, desde a sua origem até aos nossos dias. Denominou este segundo trabalho *Historia da França Popular*, por ser destinado ao crescido numero de homens, que não tendo lazer para grandes leituras, sentem contudo o desejo de conhecer o desenvolvimento historico d'aquelle paiz, que é, porque assim digamos, o desenvolvimento historico da humanidade.

Uma respeitavel casa editora, avaliando o enorme alcance da obra do illustre senador francez, resolveu editá-la em condições excepcionaes, apresentando uma edição em papel calandrado, optimo typo, e custando apenas 60 réis cada caderneta de 16 paginas adornada com 7 ou 8 gravuras.

No tocante á parte litteraria, basta dizer-se que a traducção e revisão foram confiadas ao nosso director, o sr. Manuel Pinheiro Chagas. Este nome dispensa qualquer elogio.

A nossa gravura é copia de uma das que adorna o primeiro volume da *Historia de França Popular e Illustrada*.

Os Gregos, acompanhados por hespanhoes, que habitavam a Provença, vieram á região, que hoje se chama França, e tiveram relações de commercio e amizade com os Gaulezes.

Certo dia, em um dos golfos da costa, que se estende ao oriente das bocas de Rhodano, lançou ferro um navio procedente da Grecia. Celebrava-se n'esse dia o casamento da filha do chefe gaulez, o qual recebeu excellentemente os estrangeiros, convidando-os para a festa. A nubente, segundo o costume, escolhia á sua vontade um noivo entre todos os pretendentes sentados á meza de seu pae.

No fim do banquete, entrou a filha do chefe com uma taça na mão, passeiou os olhos pela assemblea, parou deante do capitão dos Gregos, e offereceu-lhe a taça, por onde ella primeiro tinha bebido.

Era a maneira de designar o eleito do seu coração.

O chefe dos Gaulezes imaginou que o ceu tinha inspirado a filha, e protegia o estrangeiro.

Deu-lhe por dote a praia, deante da qual o navio estava ancorado, e o Grego lançou ahi as bases de uma cidade.

Eis o modo, porque Marselha foi fundada, 600 anos antes de Jesus Christo.

Soldado hussar

Toda a gente tem ouvido fallar em hussars, mas nem todos sabem a etymologia d'este nome.

A palavra *hussar* deriva de dois termos húngaros—*husz*, que significa *vinte*, e *ar* que significa *soldo*, *paga*, *estipendio*.

Conhecida a origem da palavra, procuremos tambem a origem d'esse famoso corpo de cavallaria ligeira.

Quando os turcos invadiram a Hungria, em 1458, o rei Mathias Corvin dirigiu uma proclamação á nobreza, e esta, correspondendo ao appello do monarcha, organisou á sua custa um corpo de cavallaria, recrutando um homem por cada grupo de vinte fogos.

Foram tão importantes os serviços prestados pelo bravo regimento, e tornou-se tão manifesta a utilidade dos corpos d'aquelle genero, que todas as potencias do Norte lhes conservaram um logar especial na organisação dos exercitos.

O uniforme, de que usam, é muito semelhante ao da cavallaria húngara, e d'ahi provem o ter-se-lhes conservado a denominação de *hussars*.

O seu fardamento é elegante e muito leve; montam cavallos de pequena marca, e trazem por armas uma espada, uma carabina, e um par de pistollas.

A nossa gravura é copia de um quadro do celebre pintor Detaille.

O photographo hespanhol

Demos agora um salto. Deixemos as nações do Norte, frias, de uma natureza pobre e sem encantos, e transportemo-nos á famosa Hespanha, ao bello paiz da Andaluzia, tão prodigiosamente dotado de todos os esplendores e riquezas naturaes.

A scena passa-se n'uma pequena aldeia, que tem um cunho particular, um caracter extremamente curioso e original. As casas de paredes muito altas e grossas, com aberturas estreitas servindo de janelas, mais parecem fortalezas e baluartes do que habitações; porem, o sol é intensissimo no verão e não ha remedio senão construí-las d'aquelle forma para evitar o calor verdadeiramente tropical.

Um photographo ambulante acaba de chegar á localidade, e assentou o seu *atelier* na praça publica, offerecendo-se aos transeuntes para lhes tirar o retrato.

A gravura representa-o n'um momento solemne. Vae tirar o retrato de um alto personagem — o aguazil da localidade. Se o trabalho fôr considerado bom, se todos concordarem em que foi bem apanhada a physionomia do aguazil, fará o pobre photographo uma abundante colheita de reales; mas se a obra não corresponder á expectativa, pode fazer a trouxa e pôr-se a caminho.

Sentado n'uma cadeira, com os olhos arregalados, fixos em determinado ponto, e o corpo immovel, o aguazil, com a gravidade propria das grandes circumstancias, espera o começo da operação. O photographo previne-o de que se não deve mover. Mais alguns instantes, e o gordo andaluz terá o ineffavel jubilo de se ver reproduzido feição por feição.

Uma mulher e um homem, sem duvida a esposa e o irmão do funcionario hespanhol, aguardam com impaciencia o resultado, que é para elles um verdadeiro acontecimento.

Uma ponte india sobre o Amazonas

Outro salto, ainda maior, e passemos á região cortada por esse gigante, que tem por nome o *Amaz*

zonas, sobre a qual a natureza derramou com prodiga mão a cornucopia das suas graças. Passemos á região, em que o *ceo tem mais estrellas, as varzeas tem mais flores*, e as florestas virgens, povoadas de arvores gigantes, que se vão ás nuvens, abrigam na espessura das folhas milhões de passaros, que pleiteiam entre si o iris da plumagem e a harmonia dos triltos e gorgeios.

No flanco oriental da cordilheira dos Andes, no Perú, nasce o Amazonas, o maior rio do mundo. O seu comprimento é de 1200 leguas, tendo 63 de largo na embocadura. Recebe no caminho o tributo de cem outros rios, trinta dos quaes dão-lhe mais agua do que o Sena ao Oceano, onze são tão poderosos como o Rheo, e seis quasi tão grandes como o proprio Amazonas. Com as suas aguas, ou com as de seus tributarios, occupa 25 graus de latitude por 30 de longitude, isto é um comprimento de 600 por 700 leguas!

É o maior systema hydrographico do globo; é a rede mais vasta, mais completa e mais facil de estradas naturaes, que existe no orbe. Por essas estradas hão de passar um dia duas terças partes do commercio da America meridional, e ha de penetrar a civilisação no continente sul-americano, traduzindo em factos as palavras de um dos maiores sabios da nossa época, o barão Alexandre de Humboldt.

O Amazonas rega parte do Perú, a Bolivia, o Brazil, o Equador, a Nova Granada, Venezuela, as tres Guyanas, isto é, cinco republicas, um imperio e tres colonias europeas. Lança-se no mar por duas grandes boccas, que a ilha de Marajó ou de Johannes separa uma da outra. A maior d'ellas, a chave da America do Sul, é a bocca do norte ou de Macapá, situada na margem esquerda do rio, a cincoenta leguas da sua entrada, e onde o Brazil tem uma fortaleza, que podia ser de grande importancia pela posição estrategica em que se acha. A segunda bocca, a mais larga e sem interrupção de ilhas, é a do Sul ou do Pará.

Pela bocca do norte, que é visinha da Guyana franceza, lança o rio tão consideravel volume d'agua, que ao revés do que se dá em todos os tributarios do Atlantico, não penetram no seu leito as marés do Oceano. O rio é que repelle o mar. Por isso em frente da bocca de Macapá, até muitas leguas ao largo, em pleno Oceano, encontra-se agua doce.

«Resupino gigante se afigura,
Qual outro Briaréo, mas verdadeiro,
Que estende os braços para abarcar a terra!
Pujante assim no Atlantico se entranha
Ante si repellindo o argenteo salso.
Como se elle na terra não coubera,
Ou como de inundal-a reccioso
Se mais longo e mais lento a discorresse!
O Amazonas co' o Oceano furioso
Luta renhida trava, interminavel
Para roubar-lhe o leite, e ronca e espuma.
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco,
Feroz sucuriuba horrida ronca,
Quando sente mover-se á flor das aguas
Lontra ligeira, ou anta descuidada,
E inchando as fauces, a cabeça eleva,
Os queixos escancára, a lingua solta,
Para d'uma só vez tragar o amphibio,
Tal no pleito co'o Oceano o Amazonas
Para sorvel-o a larga foz medonha
Lego abre setenta! A ingente lingua
Estende de tres vezes trinta milhas
Como uma longa espada, que se embebe
Ao través do Atlantico iracundo,
Que gemendo recúa no arremesso
E em montes alquebrado o dorso enruga.»

Estes formosos versos, extrahidos da *Confederação dos Tamoyos* do inspirado poeta brasileiro, Domingos José Gonçalves de Magalhães, pintam com grande eloquencia o phenomeno, a que alludimos.

Para atravessarem as innumerables correntes de agua, que em todos os sentidos cortam o interior do Brazil, imaginaram os indios um systema de pontes de uma simplicidade primitiva, de que a nossa gravura mostra um specimen. São construidas sempre n'um logar, em que sobre as margens do rio crescem parallelamente duas arvores vigorosas, cujos ramos tem a forma de forcado. Os indios cortam as arvores até á altura de metro e meio acima do solo, unem os dois forcados por uma travessa, sobre a qual apoiam duas traves muito fortes, enterradas solidamente. A essas traves ligam outras por meio de correias, e assim successivamente até que cheguem á margem opposta. Por cima d'essas frageis construcções, ás vezes muito altas, atravessam elles as correntes, que rugem a seus pés, e transportam fardos pesadissimos. Chama a attenção de todos os viajantes o processo, empregado por aquellos homens no estado selvagem para transporem as correntes d'agua que não podem atravessar a nado, nem em canoas, nem em jangadas, em consequencia das enormes cascatas e recifes, que encontram a cada passo.

O VERÃO

Chegou o calor.

Bateu ás portas da cidade offegante, a legião incommoda que traz as febres, e os cansaços, e os grandes aborrecimentos da vida apertada entre as muralhas dos passeios estreitos, e os rengues das arvores rachiticas, alinhadas na avenida poeirenta.

A liberdade!... todos aspiram á grande liberdade do campo enverdecido e fresco, da fria areia prateada, humedecida pelo mar. Mães de familia que ides partir, levando as vossas creanças a respirar contentes o grande ar sadio do vasto Oceano; ide depressa, ide bem longe dar vida ás creanças que são os vossos filhos, a vida, o vosso futuro!

Mães que não podeis acrescentar ás despesas ordinarias da vida, os gastos faustos das viagens nos caminhos de ferro, e os vestidos novos dos bailes nos *clubs* das praias, e os finos *picnics* ricos nos parques realengos, partitambem, embora para mais perto, para as praias economicas, modestas, visinhas, onde não ouvireis bater com força as ondas altas do Oceano largo, mas onde podereis ainda, na modestia da vossa condição, esperar á tarde os vossos maridos que voltem da cidade, do seu trabalho quotidiano, em quanto os vossos filhos, todos afogeados da corrida na areia da praia estreita, vos dão a ambos a esperanza de que ao cabo de dois mezes, voltarão as boas cores rosadas, a affugentar-lhes dos rostos emagrecidos, o triste tom anemico creado no ar miasmado dos esgotos da cidade baixa, ou dos collegios apertados, onde não ha ventilação. E vós, finalmente, ó mães pobres, que tendes as vidas dos vossos filhos, dependentes cada dia dos salarios dos vossos maridos, leve as creanças nos domingos para fóra das ruas estreitas em que se definham ide aos campos, ide ás praias passar o dia inteiro, leve o jantar no vosso cabaz aciado, e quando as creanças, já cansadas de tanta liberdade, vos pedirem de comer, estendei na areia a pequena toalha branca, dai-lhes agua do proximo regato que corre por detraz das piteiras, e deixai-os ser felizes e livres um dia da semana, já que o resto d'ella não pode ser senão de aperto, de necessidade, de escravidão em que vives ó mãe pobre! na tua grande lucta pela existencia dos filhos!

Mas ha liberdade e só para todos.

Se o organismo social prescreve do seu equilibrio, differenças de condições de existencia, que cada qual saiba aproveitá-las, nas condições em que se encontra.

Eis o talento da vida, eis a felicidade creada por nós mesmos, que é essa a verdadeira e unica felicidade.

Ide pois todos, mães ricas e pobres, ide ás praias fazer respirar o ar livre do bom Deus.

E ide, bem convencidas, de que o ar do bom Deus é igualmente saudavel e puro, para todas as creaturas, para os filhos de todas as mães.

O SONHO DO INFANTE

I

(Continuado do numero anterior)

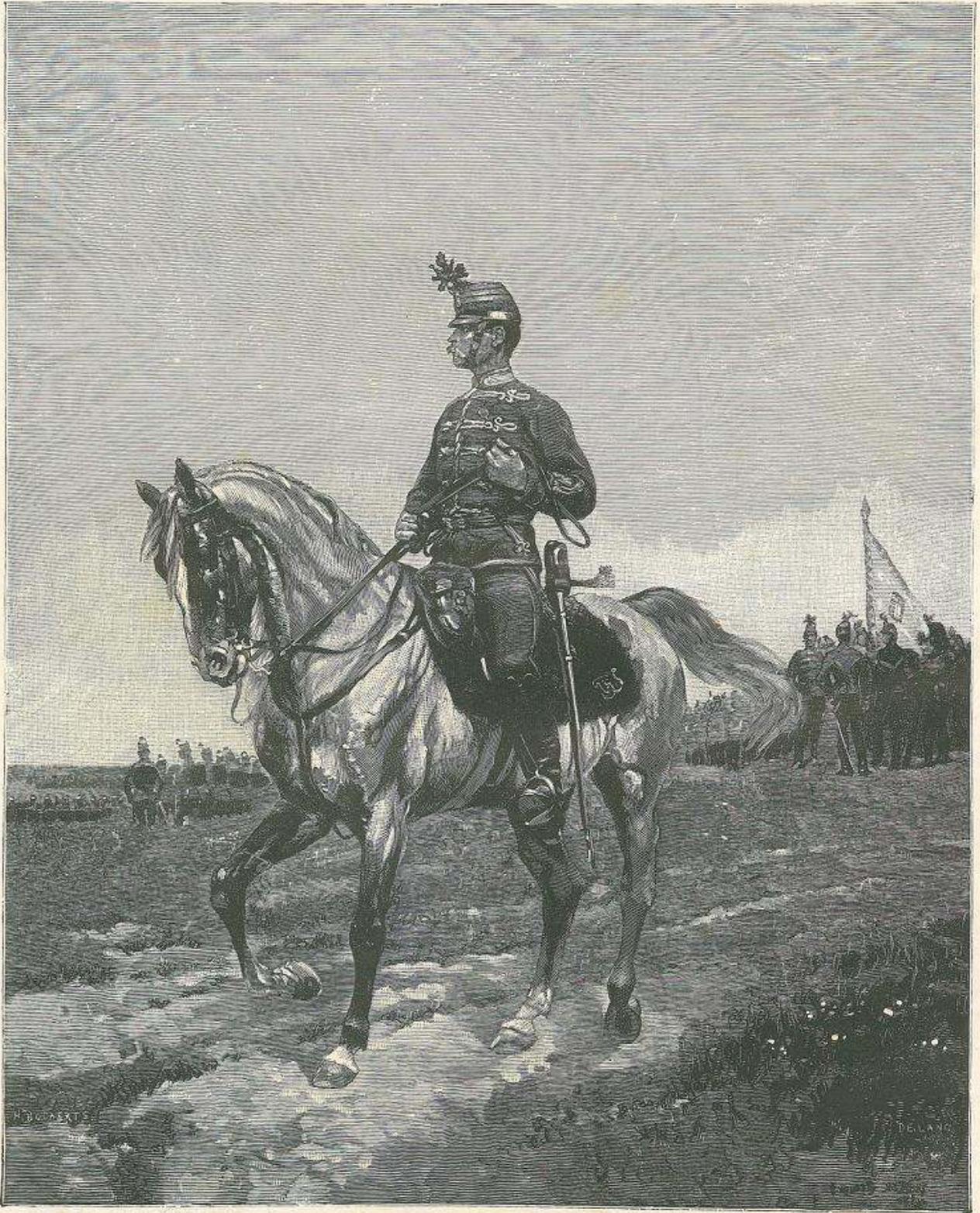
No pallido Christo do altar um fróuxo raio de luz

mantos brancos, onde resplandece bordada a cruz vermelha.

Dir-se-hia uma longa procissão d'espectros, até ao fundo da egreja, onde mais se condensam as sombras, alvejam os mantos, como brancas mortálhas, sulcadas por uma cruz de sangue.

quita moira transformada em cathedral christã, esse homem, que ora ali dorme, erguendo a espada victoriosa, o sagrou com ella neophyto da religião da honra, a cavallaria da idade media?

Ou, desviando o pensamento do tumulto para o arrojado a regiões mais luminosas, segue com a ideia



SOLDADO HUSSAR

accende como que um sorriso doloroso. Fugindo na sombra, as paredes do templo parece que se perdem em alturas insondaveis.

A eça permanece no cruceiro. Em torno d'ella agrupam-se cavalleiros de Christo, immoveis, encostados ás suas largas espadas, e deixando fluctuar os

Na frente de todos, mais proximo da eça, o infante D. Henrique, immovel, inclina a cabeça meditativo. Em que pensa elle?

Relê no livro da memoria os cantos epicos de Couta, de que foi o heroe?

Recorda-se do momento solemne, em que na mes-

as suas caravellas, que sulcam o oceano desconhecido, e procuram novas regiões para além das vagas montuosas, que no horisonte se atropellam?

Vem affagar-lhe a mente o sonho esplendido do Oriente desvendado? Já devancia a fabulosa Antilia realisada, e vê as suas ci-ladas d'oiro avultarem, re-

lectindo nas aguas que as banham as suas fulvas muralhas?

Quem póde perscrutar-lhe os pensamentos? As horas da noite correm, e nem um murmúrio perturba o silencio augusto do templo.

Só lá fóra se ouve zunir o vento que gemia lugu-

las que desmaiam, quando os olhos invencivelmente se cerram, quando ao diluculo da aurora responde no homem o crepusculo do pensamento, quando, á medida que os campos, emergindo do seio das trevas, começam a delinear as suas formas vagas á meia luz da aurora, começam a con-

frenes; só se vê algum pallido coveiro, que refoge aterrado e se esconde na misera choupana.

Mas ás horas do crepusculo matinal os phantasmas despregam azas nebulosas, e, voando em confuso enxame, vem volteiar em torno do leito onde dormem os entes que elles amaram na terra.



O PHOTOGRAPHO HESPAÑHOL

brememente nas portarias do mosteiro; rangem as altas janellas, como se os espiritos da noite roçassem pelas vidraças as azas negrejantes.

O cançasso começa a pender a fronte dos veladores. Já vem proximas as horas ultimas da noite, quando o somno, mais languido, chove das estrel-

fundir-se á meia luz do sonho na mente do homem com os objectos reaes as visões phantasiadas.

É essa, mais do que a meia noite, a hora dos phantasmas. Á meia noite podem os espectros aagruparem-se no cruzeiro do cemiterio, mas longe dos homens é que elles celebram as suas bacchanæes in-

e cujo dormir povoam de sonhos ou dulcissimos ou pavorosos, antes que voltem a encerrar-se para sempre na loisa tumular.

Já o gallo cantára tres vezes nas campinas orvalhadas, uma dubia luz incerta arraiava debilmente as frestas esguias do mosteiro, oscillavam as

chammas dos funebres cirios, e o infante D. Henrique involuntariamente cerrava as palpebras. Subito um rumor estranho lhe fez levantar a cabeça; parecia que se descerrava o caixão e que o vento da morte agitava mais lugubrememente a chamma tremula dos tocheiros. D. Henrique olhou em torno de si; os cavalleiros, vestidos com os mantos brancos ondeantes, conservavam-se encostados ás suas largas espadas, immoveis como estatuas sepulchraes.

Mas o caixão effectivamente se descerrava, e o alto vulto de D. João I erguia-se livido e triste n'esse pedestal estranho.

D. Henrique foi para soltar um grito, mas as palavras claram-se-lhe nos labios e goitades de frio suor lhe escorreram na testa.

D. João I desceu vagarosamente os degraus da eça, e veio sentar-se junto do seu filho. Encostou á mão a face livida e soltou um prolongado suspiro.

D. Henrique estremeceu, como se o gélido vento da morte lhe agitasse os cabelos.

A chamma dos cirios oscillava, e os cavalleiros vestidos com os seus amplos mantos alvejantes permaneciam encostados ás suas largas espadas, immoveis como estatuas sepulchraes.

II

D. João I ergueu a fronte. Corriam-lhe dos olhos as lagrimas, gotta a gotta. Os seus labios não se moveram, mas a sua voz, meiga e mysteriosa ergueu-se no silencio do templo, e murmurou estas palavras:

«Filho, não ha mysterios para o espirito que se livrou dos laços terreaes. Pensavas, e o meu coração ouviu as confidencias do teu scismar. Pensavas nas tuas empresas, nas navegações dos teus, no lustre que dariam á patria, e dizias comigo que eu devia estremeecer no tumulo de orgulho, ao ver os meus soldados de Aljubarrota e de Ceuta, conduzidos por ti, levarem tão longe o nome e a gloria de Portugal.

Apenas transpuz o limiar da eternidade, rasgouse, diante dos meus olhos abertos a nova luz, a cortina do futuro, e o destino da nossa patria desenrolou-se diante de mim no seu duplo aspecto luminoso e sombrio.

Trabalha, luta, persevera, o teu nome ha de ser no porvir o que de mais gloria illumine a patria. O sulco das tuas caravellas, e das que seguirem o impulso por ti dado, abraçara o mundo inteiro n'um longo cinto de espuma, e o mais remoto oriente, e as terras ignotas, que o sol ainda banha de luz, quando o suppómos adormecido á noite nos braços das nymphas do Oceano, hão de ver, com espanto a fluctuar na proa dos teus navios investigadores, a triumphante bandeira das quinas.

Então Portugal encherá o mundo com o seu nome; chegado ao pinaculo da sua gloria relanceará os olhos em torno de si, e, vendo a seus pés quarenta imperios, entoará ufano o seu hymno de triumpho.

Ah! mas como o declinar é rapido! Nas plagas africanas, onde tanta gloria ganhámos, perde um dos nossos descendentes a corôa, a vida e o reino. Inexperito mancebo, é acaso para as tuas debeis mãos a minha larga espada de Ceuta? O golpe que te rasga vem rasgar tambem as veias da patria, e prostrado, moribundo, o leão portuguez sente pousar-lhe nas carnes palpitantes a garra do tigre hispano.

Em Portugal castelhanos, victoriosos e dominadores! Onde estás, Nuno Alvares que assim deixas violarem estranhos a tua patria querida! Que somno tão profundo dormes tu, condestavel, que não despertas ao som dos passos dos vencidos de Valverde! Porque não quebras a loisa tumular, e não surges,

soltando o teu grito de guerra, que fazia desmaiar os mais intrepidos dos cavalleiros de Castella? E nós tambem, Henrique, assistiremos insensíveis e mudos á profanação maldita! Não poderemos levantar a loisa chumbada sobre os nossos corpos! Mas quando as argalhadas dos castelhanos reboarem nas vastas arcarias da nossa gothica Batalha, procurarei indignado erguer-me, e elles fugirão em tropel mudos e pallidos, só de sentirem vagamente, dentro do tumulo de pedra, o echo indistincto do tinar da armadura, que eu em Aljubarrota vestia.

Coragem! Entre as apagadas cinzas ainda uma scentelha fulgura, o fogo do patriotismo abraça ainda os corações portuguezes. N'uma hora de heroico esforço é sacudido o jugo, em trinta annos de luta renovam-se os prodigios do nosso batalhar. Mas ai! é momentanea a ressurreição, lá volta o desfallecimento, o declinar progride; caem a um e um da corôa que opulentámos os florões resplandecentes, o nome de Portugal vão-n'os os echos olvidando, a sua gloria sepulta-se nas trevas.

Não entristeças, Henrique; como os individuos, as nações surgem, brilham e morrem; tem como os astros aurora, zenith, e occaso. Depois de illuminar um instante a vasta scena do mundo, cada paiz vae cedendo o campo ao que se lhe segue na lide civilisadora; mas da sua luminosa passagem conserva a historia os vestigios, e a posteridade ajoelha respeitosa junto dos tumulos, onde as nações se escondem.

Ai! não é isso comtudo o que á nossa patria succede. Cobre-a a mortalha do esquecimento ainda antes de sepulchral mortalha, precede o insulto o epitaphio.

Merecel-o-ha ella? Talvez. As nações que descem ao tumulo, envoltas na sua armadura de ferro, limpa e immaculada, conquistam o respeito do futuro, e veneração da historia.

Mas as que se aviltam a si mesmas, as que não guardam, como um sacrario, a herança d'honra que lhes foi legada, já que o destino lhes não consentiu que guardassem intacta a herança do poder, as que se recostam, moribundas, no leito das orgias, onde doideja a bachanal dos mesquinhos egoismos, e das torpes ambições, as que não entregam ao sepulchro mais do que um corpo em putrefacção, essas merecem que o mundo desvie d'ellas os olhos indignado, e pergunte: «Onde estão essas nações heroicas? Não as vejo, morreram no dia em que o seu poder morreu!

Nas terras que a tua audacia Henrique, hade doar á patria e ao mundo, virão estranhos um dia insultar a bandeira que primeiro tremulou n'essas regiões ignotas. Hão-de negar-te a gloria, insultando os teus actos, mas a evidencia surgirá tão resplandecente que serão estrangeiros mesmo que te prestem a homenagem que te é devida.

Um dia os castelhanos orgulhosos desprezarão a nação pequena e corrompida, que tantas humilhações lhe infligiu quando era viril e forte.

Que importam insultos e desprezos? a sua propria historia não podem elles apagal-a, não podem rasgar as suas chronicas, e foi n'ellas que a minha espada, e a espada do condestavel, inscreveram com indeleveis letras quatro nomes de fogo que refulgem sinistramente: Atoleiros, Trancoso, Aljubarrota e Valverde. Desprezem, insultem á vontade os filhos degenerados d'esta briosa terra; mas nas paginas mudas dos seus proprios annaes, encontrarão para os seus insultos e para os seus desprezos esta eloquente resposta que em quatro nomes se cifra.

Avante pois, meu filho, trabalha, persevera, luta! Não esmoreças com o sinistro futuro que eu revelei á tua mente pavida. Na tua fama é que hade sobre-

viver a fama portugueza. Não queiras, como Alexandre, enviar ao futuro o testemunho das glorias, gravado na face immutavel do monte Athos. Basta que o inscrevas na espuma das ondas. Deus velará por ella, e não conseguirá apagal-a a quilha dos navios estrangeiros, que irão seguindo timoratos o rasto de espuma das tuas naus.»

Calou-se, e exhalou do peito um flebil e prolongado suspiro.

Depois ergueu-se e a sua alta estatura foi-se esvaindo pouco a pouco, até se tornar em vapor ligeiro que se perdeu na atmospheria.

Emquanto o rosto vaporoso conservou uns lineamentos vagos das formas humanas, D. Henrique pôde ler-lhe no olhar uma expressão de ternura infinda e de profunda dôr.

Afinal esvaio-se de todo. D. Henrique então soltou um grito abalado, e deu um passo para a eça. O movimento fel-o voltar ao sentimento da realidade. Olhou em torno de si, tudo permanecia immovel e silencioso, sómente o clarão matutino, mais intenso illuminava as frestas, e fazia desmaiar o clarão dos tocheiros.

Á meia luz da madrugada, os freires de Christo pareciam espectros lividos, que o dia surprehende fóra da sua lugubre habitação.

O infante D. Henrique passou a mão pela testa, como para dissipar a allucinação fatal que o perseguira nas horas ultimas da vigilia. Não tardou o sol a penetrar na igreja affugentando com a sua luz alegre todos os phantasmas da noite. Abriram-se as portas de par em par; o dia estava esplendente e risonho, o ceu azul, o ar sereno e tepido. Viesse agora algum prophetisar desgraças!

Montaram todos a cavallo; poz-se a caminho o prestito, e d'ahi a tres dias o cadaver de D. João I repousava, nudo e gelido, á sombra das cinzeladas arcarias da sua igreja da Batalha.

PINHEIRO CHAGAS.

ROSICLER

O SOMNO DE BOOZ

(Da Lenda dos seculos)

Booz dormia ao pé d'umas mēdas de trigo, Depois de trabalhar todo o dia na eira, Fazendo a sua cama ao pé d'aquelle abrigo Deitara-se Booz prostrado de canceira.

Tinha campos de trigo e campos de cevada; Conquanto rico, o velho era justo e clemente; Na sua azenha a agua era sem lodo, e nada Havia de infernal na sua forja ardente.

Lembrava a sua barba um argentino arroyo; Dizia aos seus, se via uma respigadeira: «Deixae cair adrede as espigas sem joio». Booz fazia o bem d'uma nobre maneira.

Seguia este homem puro uns trilhos bons e certos, Vestido de candura honesta e d'alto linho, Os seus saccos de pão estavam sempre abertos Para o pobre e, tambem, para qualquer visinho.

Era bom amo e bom parente; os seus haveres Poupava-os, sim, mas era um homem generoso; Mais do que para um moço olhavam-n'as mulheres; Se um moço é bello, um velho é grande, é magestoso.

Se a chamma viva accende os olhos d'um rapaz, Illumina os d'um velho a funda claridade; Sae da luta precaria, entra na eterna paz, Voltando á luz primeira, um velho ao fim da idade.

Dormia pois Booz de noite ao pé dos trigos; Similhavam, no escuro, as mēdas uns escombros, E os ceifeiros, dormindo além, pequenos combros. Passava-se este caso em tempos muito antigos.

Um juiz governava a próle d'Abrahão; A terra onde vagava o homem que inda via Bem mareados os pés dos gigantes no chão, Do diluvio inda estava empapada e macia.

*

Booz dormia sob as folhas susurrantes,
Como outr'ora Jacob e a varonil Judith;
Ora o ceo entreabria as portas fulgurantes
E um sonho então baixou sobre elle do zenith.

E viu Booz um roble immenso que nascia
Do seu ventre e chegava a topar nos ceus;
Uma raça por elle ao alto azul subia,
Cantava em baixo um rei, morria em cima um Deus.

E Booz murmurava em sonhos. «Como é que hade,
Como é que de mim pôde uma raça nascer?
Meu Deus! eu tenho mais d'oitenta annos de idade,
Filhos não tive, e morta é já minha mulher.

«Vós bem sabeis, Senhor, que deixou o meu leito
Pelo vosso a que foi minha esposa no mundo;
Mas sinto-me inda preso, e unido em laço estreito,
A ella meio viva, eu meio moribundo.

«Uma prole por mim gerada! Como posso
Crê-lo? Ter filhos eu! Que visão illusoria!
As manhãs triumphaes só brilham para um moço,
Das noites sae-lhe a luz como d'uma victoria.

«Eu tremo como treme a bétula no inverno,
Viuvo e solitario alveja-me esta fronte,
E inclino para a cova esta alma, oh Deus eterno,
Como o boi, que tem sede, a bocea para a fonte»

Fallava assim Booz n'uma unção fervorosa,
Soubando e erguendo o olhar dormente para Deus;
Como o cedro não sente a seus pés uma rosa,
O velho não sentia uma mulher aos seus.

*

Deitára-se-lhe ao pé, com os seios nús e tumidos,
Ruth, mulher moabita, em quanto elle dormia,
Aguardando não sei que doces raios humidos,
Quando a luz da alvorada annunciava o dia.

Não sabia Booz que uma mulher lá estava,
E não sabia Ruth o que Deus queria d'ella;
Das abrotas um fresco aroma se exhalava,
A brisa do Galgala ungia a noite bella.

Booz dormia, e Ruth seismava; além, na veiga,
Os chocalhos dos bois tiniam vagamente,
Gotejava do ceo uma bondade meiga,
Era quando os leões vão beber á nascente,

A noite era solemne, augusta, nupcial;
Voavam, certamente, anjos no ceo veiado,
Pois via-se, pairado ás vezes sobre o valle,
Um não sei quê d'azul que parecia alado.

Booz fazia côro, a respirar dormindo,
Ao flêbil murmurar das fontes sobre a relva,
Era no doce mez em que o campo é mais lindo,
Em que ha lyrios no monte e canticos na selva.

Em Jerimadeth e Ur dormia toda a gente;
Estava constellada a cúpula dos ceos;
Entre as flores de luz scintillava o crescente
Fino da lua, e, meio occulta nos seus véos,

Immovel, entreabrindo os olhos Ruth dizia:
«Que deus, que segador das lucidas gavelas,
Por desceido ao sair da varzea esqueceria
Aquella foice d'ouro, ali, no chão de estrellas?»

FERNANDO LEAL.

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 136)

XXI

Syracusa 18 de Setembro.

Não te admires da minha estada aqui.

No dia seguinte áquelle, em que te escrevi da estalagem de Giuseppe Pavido, levantei-me ás oito horas, e como o visconde de Monaville ainda estava no quarto, fui dar um passeio. Quando voltei, encontrei-o na sala com o velho Silvestre, já perfeitamente bom. Ao almoço appareceram o francez e o italiano.

Levantaram-se muito tarde! disse o primeiro. Pois eu, ás seis, já estava a pé, e dirigi-me para a estação do caminho de ferro acompanhado pelo sr. Isola. Succedeu, porém, que o chefe, a quem desejava fallar, tinha partido para Syracusa, e não tenho remedio senão ir tambem áquella cidade na diligencia, que sahe ás onze horas.

— Então vae com o sr. visconde, respondi eu.

— E o marquez porque não vae tambem? interrompeu o visconde.

— Está dito; acompanho.

Donaciano apertou-me cordealmente a mão e agradeceu-me.

Tomámos na diligencia um compartimento para quatro pessoas; Silvestre ia na almofada.

O visconde de Monaville, que recuperara a sua alegria habitual, conversava com Durocher, contava-lhe todo o seu passado, e os seus projectos sobre o futuro, pondo-o ao cabo dos negocios, que diziam respeito á marquezia de Pazzaro, á sua familia, residencia, etc.

Chegados a Syracusa, fomos para o hotel *Bella Parigi*. Os nossos dois companheiros queriam deixarnos. Pedimos-lhes que ficassem, ao que o francez annuo; mas o italiano despedio-se de um modo muito secco.

Á meza, Leão Durocher esteve quasi sempre calado, respondia distrahimamente ás nossas perguntas, e, segundo nos disse, tinha receio de não encontrar em casa a pessoa, que pretendia visitar. Acabada a refeição, partio logo, ficando justo que nos haviamos de reunir todos, se elle alcançasse o emprego, que solicitava.

O dia seguinte amanheceu triste para mim e para Donaciano. Era o dia da separação!

O visconde instou conmigo para que o acompanhasse mais vinte e quatro horas; eu tinha grande desejo de acceder ao pedido; mas era completamente impossivel.

Combinámos, porem, que dentro de dez dias nos tornariamos a ver, e eu teria o gosto de assistir ao seu casamento.

Na physionomia intelligente e sympathica do visconde debuxou-se tamanha satisfação, que não pude deixar de dizer-lhe á despedida: encontrei um amigo.

Syracusa, 21 de Setembro.

Ainda não pude recolhar-me do assombro, que me tomou, quando ouvi os factos que te vou referir.

Ah! meu amigo! tive sempre um intimo sentimento de que, faltando do visconde de Monaville, de Leão Durocher, e d'aquelle italiano de cara patibular, esboçava o primeiro acto de um drama horroroso... Elle devia ter o seu desenlace poucos momentos depois de me ter separado de um dos mais nobres caracteres, que tenho conhecido.

Dois dias depois da minha partida escrevi ao visconde, para exprimir-lhe o muito que o estimava, reiterar a minha promessa, e significar-lhe quanto desejava que elle tivesse chegado bem ao seio da sua nova familia. A carta não tinha resposta; admirei-me, contudo, de a não receber; mas encontrei no meu espirito mil razões para justificar o silencio.

Enfim, antes da epoca determinada, parti para Catania, com ideia de ir logo para villa Pazzaro fazer uma surpresa ao meu amigo.

Chegado a Catania fui outra vez para o hotel *Bella Parigi* tomar um banho e pedir um homem de confiança, que me servisse de guia e levasse a bagagem.

O dono do hotel apenas me viu, levantou as mãos e deu um grito de surpresa.

— Ja vejo que me reconheceu, disse-lhe eu. Mas acha extraordinario que eu voltasse?

— *Signor marchese*, respondeu elle, foi o acaso que o trouxe? ou foi chamado pela justiça por causa d'aquelle crime?

— A justiça!... um crime!... explique-se, homem.

— Pois que? não sabe? É verdade que só se descobriu ha trez dias... Pobre rapaz! pobre creado! E a menina! morre com certeza...

Ouvindo isto principiei a tremer; senti que me faltavam as pernas, pois comprehendi que se tratava do visconde Donaciano de Monaville.

Eis o que me contou o dono do hotel:

— Como sabe, o sr. visconde partiu para a villa Pazzaro, levando papeis importantes e valores consideraveis.

Como se passassem alguns dias sem que chegasse á casa do futuro sogro, este procurou informações e soube que elle estava em Syracusa no dia 18. Dirigi-se immediatamente para cá, procurou o chefe de policia, e encarregando-se este de indagar, onde parava o pobre moço, veio ao meu hotel, e eu disse-lhe que elle effectivamente estivera aqui com mais tres sujeitos. Por indicação minha foram ter com um homem, que aluga cavallos, e que os tinha alugado ao sr. visconde, o qual informou que este e o creado velho se tinham apeado em certo sitio para percorrerem a pé uma das gargantas.

— Sim, elle queria atravessar a pé a *Valleta d'Acerra*.

Imaginou-se logo um accidente desastroso, ou um crime, e muita gente se prestou para dar busca ao theatro de tamanha desgraça.

Explorou-se o leito da torrente que atravessa a *Valleta*, e ao cabo de muitas fadigas encontrou-se o cadaver de Silvestre, que fôra evidentemente arrastado para cima de umas rochas cobertas de matto.

O pobre velho tinha as costellas atravessadas por uma bala, e o pulmão direito trespassado por um punhal.

Suppoz-se que o amo teria tido o mesmo fim. Activaram-se as pesquisas, mas não foi possivel descobrir sequer o logar, em que o crime foi perpetrado.

— Mas o visconde de Monaville? disse eu cheio de cuidado. Falle, pelo amor de Deus.

— O mais que se sabe, tornou o hospedeiro, é que deve estar morto a esta hora!

— Mas como se pode chegar a semelhante conjectura? perguntei eu com o coração partido pela dôr.

— Eu lhe digo: Em um logar escuro, muito proprio para embuscadas, acharam-se fragmentos de miolos, e um pedaço de fazenda com um botão.

— Mas isso são apenas indicios, accrescentei eu.

— Indicios! esquecia-me dizer-lhe que tambem se encontraram cabellos, que se não confundem... eram do sr. visconde.

— Parece impossivel que não dessem com o cadaver do amo, tendo deparado com o de Silvestre.

— O que lhe affirmo, senhor marquez, é que se fez todo o possivel. Aqui ha grande mysterio, que só pode ser revelado pelos assassinos.

— Sobre quem recaem as suspeitas?

— Sobre os dois individuos, que o sr. marquez conheceu em casa de Giuseppe Pavido.

— Será possivel? exclamei eu; Leão Durocher? D'esse duvido.

— Ha provas muito comprovetedoras. Em primeiro logar era falso que os dois se conhecessem apenas da vespera, como diziam. Havia mais de quinze dias que tinham sido vistos juntos. O francez pretendia ter que tratar com os administradores dos caminhos de ferro. É falso de todo o ponto. O sr. marquez havia de notar que elles não nadavam em dinheiro; pois no dia em que foi commetido o crime, o supposto Isola trocou muitas notas em casa de um banqueiro. Isto porem ainda não é nada. Foi Pavido, quem deu o primeiro clarão á justiça. Na noite em que o sr. marquez os encontrou, o avio Pavido certa conversação em italiano; e quando Durocher sahio

d'aqui, foi ter com o companheiro n'uma estalagem de pessima fama; ahi trocaram palavras que foram escutadas por alguém, e contadas á justiça. Se quer maiores provas! . . . O seu pobre amigo fallou de mais, coitado!

—E nada mais se sabe por ora?

—Junto do corpo de Silvestre estava uma charuteira perfeitamente igual á que trazia um dos taes sujeitos.

—A charuteira não tinha nada de extraordinario; mas lembro-me d'ella.

—Tambem appareceram pedaços de cartas, que desgraçadamente não tem sentido. Só se pôde ler: Bac... Meu caro Cl...

—Ha esperança de apanhar os criminosos?

a justiça está tão convencida d'isso, que já não se preoccupa muito com o negocio. Sabes como se passam as coisas na Sicilia. Entre nós, em identicas circumstancias, punha-se em movimento toda a Europa e a America.

Nas cartas seguintes o marquez G. de B. falla ainda do drama da *Valetta d'Acerra* para lamentar a impunidade do crime. Falla tambem da sua visita á villa Pazzaro, e da impressão que lhe produzio a desgraçada noiva de Donaciano de Monaville. Poucos mezes depois, dá parte ao seu amigo que casou com a bella marquezia Giulia, e que brevemente visitará com ella a França.

D'este ponto em diante a correspondencia toma outro caracter e não se escreve o nome do visconde.

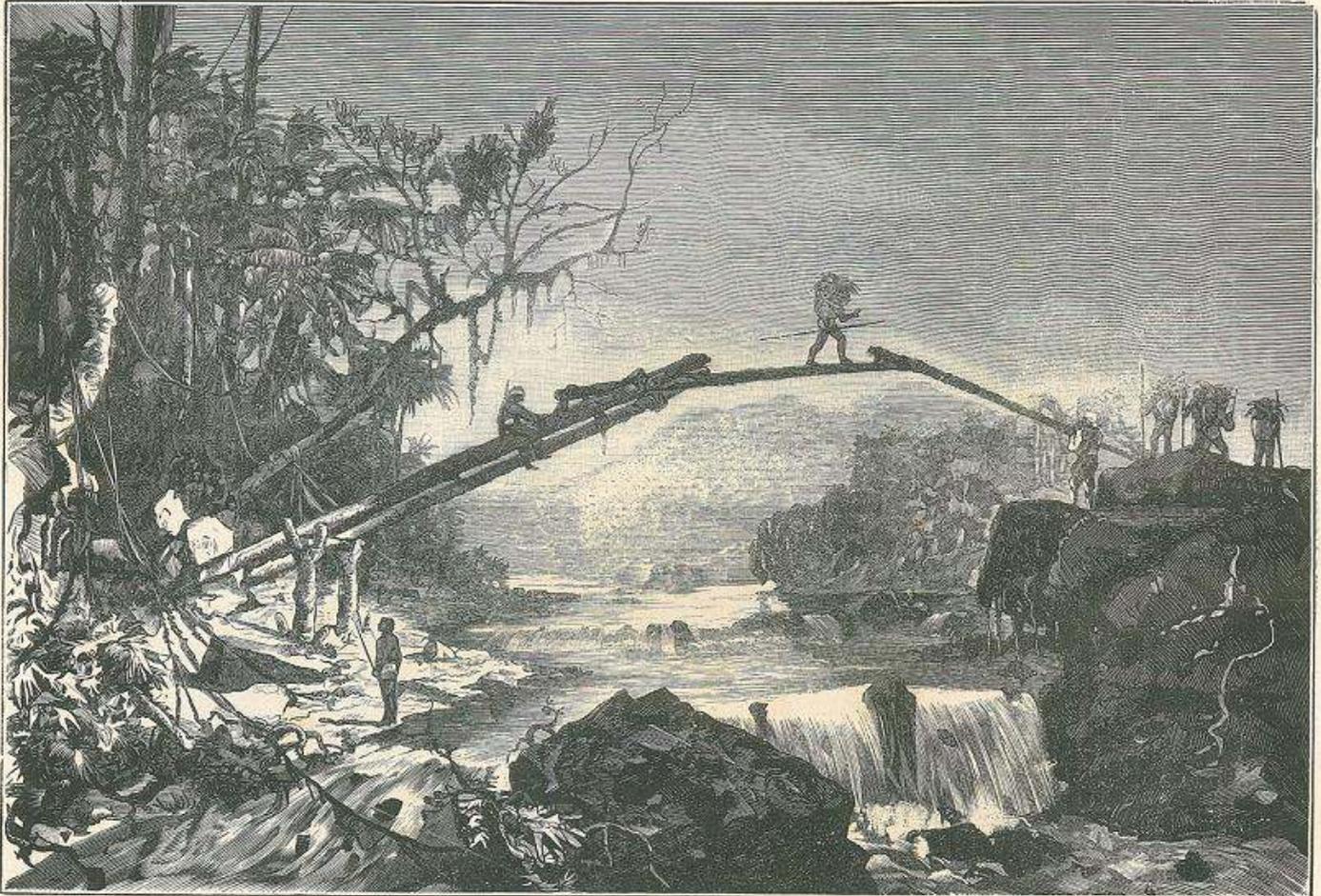
esta porém não resistia á reflexão e ao exame dos factos, e sobretudo á perturbação do marido quando soube que ella vira o livro *Tres annos na Sicilia*.

Teve uma noite horrivel, e no dia seguinte foi accomettida de uma febre violenta, que augmentou com a vista de Donaciano, o qual regressou ás onze horas da sua excursão a Mons.

Accrescia a tudo um sentimento de terror, porque na vespera, em meio da sua perturbação, esquecera-lhe esconder o livro, que estava sobre a meza.

—Vae chamar minha madrinha, disse ella ao marido, com uma voz tremula... pede-lhe que venha já, já; estou muito incommodada.

—Effectivamente estás pallida, abatida, respondeu friamente o marido, examinando-a.



UMA PONTE INDIA SOBRE O AMAZONAS

—Até agora não tem sido possível. N'este paiz é facil fugir para as montanhas.

De toda esta narração conclui, que o visconde de Monaville, a quem eu tanto me affeição, tinha sido barbaramente assassinado.

Um quarto d'ora depois, dirigi-me ao tribunal de primeira instancia e declarei ao juiz, que estava prompto a auxiliar a justiça nas suas investigações.

Depois de fallar com o juiz não tinha já a menor duvida sobre o fim tragico de Donaciano, e sobre os verdadeiros auctores do crime.

Syracusa, 22 de outubro.

Nenhuma novidade tenho a dar-te acerca do acontecimento, em que te fallei. O corpo do visconde de Monaville não foi encontrado, nem se pôde atinar com o fim dos criminosos em fazel-o desaparecer. É possível que Durocher e Isola fiquem impunes, e

TERCEIRA PARTE

Quinze dias se passaram desde que Paulina teve conhecimento dos factos apontados, e agora vemol-a com a madrinha em casa de Celestina, no quarto de René Morlant, que se acha de cama, tendo a seu lado um militar francez.

Calcule-se o que sentiria Paulina lendo aquellas cartas. A principio cahiu n'um entorpecimento intellectual, que lhe não deixava ligar duas ideias.

Porém depois de violentas commoções dissiparam-se as trevas, e começou então a pesar maduramente as coisas e as circumstancias, ora duvidando, ora adquirindo uma certeza pungente.

O homem, a quem ligára o seu destino, era um ladrão, um miseravel assassino, ou era o verdadeiro visconde de Monaville, que resolvera passar por morto para fins particulares e occultos?

Abraçou com enthusiasmo a ultima hypothese;

—Donaciano, torno a pedir-te: vae chamar minha madrinha.

Apenas o visconde sahio a porta, Paulina correu a buscar o livro, e escondeu-o n'um armario.

Na mesma occasião reapareceu Donaciano seguido de Zelia Martinpré.

—Que tens minha filha? perguntou esta.

—Estou um pouco incommodada; tive uma especie de indigestão e queria tomar algumas d'aquellas gottas, de que me tem fallado.

—Ainda bem que não é nada, exclamou Donaciano; metteste-me um susto. Preciso de sahir. San Marco está á minha espera. Temos que fazer; mas volto o mais depressa possível.

(Continua).